

Apresentação

Esta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* comprova, de fio a pavio, que certo número ímpar temido como de mau agouro pode, sim, ser emissário de boa fortuna.

Na seção de artigos que abre esta *Cadernos 13*, Fernando Morato comenta e traduz com rigor a elaborada poesia filosófica do pensador renascentista Tommaso Campanella; o perigo da autocensura na tradução do calão é um dos destaques do artigo de John Robert Schmitz, que analisa a tradução de algumas cenas transgressivas de *The Catcher in the Rye* para o português, espanhol, francês, italiano e holandês; Daniel Padilha, por sua vez, revisita as traduções da obra de Villon para o português e destaca o empenho de seus tradutores em tentar uma aproximação formal pela métrica, rima e ritmo.

Na sequência, composta de traduções poéticas, Artur Ataíde exorta-nos a ler em voz alta suas traduções de John Donne, em especial “The Extasie”, em octossílabos, em que ele busca o “controle vocabular”, alternativa ao “excedente discursivo” identificado na tradução em decassílabos proposta anteriormente por Augusto de Campos; Pedro Tomé traduz dois *blue poems* que bebem no cancionário dos negros norte-americanos, produtos da face mais musical de Langston Hughes, poeta engajado, integrante do movimento *Harlem Renaissance*; Luis Fernando Lima enfrenta o desafio de “manter a estaticidade” e o estilo “esquelético” da autora canadense Margaret Atwood e traduz um de seus poemas-instantâneos, da década de 1960; é também da década de 1960 as quatro farpas sombrias do tradutor e poeta norte-americano Jerome Rothenberg, que Anderson Lucarezi nos apresenta em tradução comentada; Viviane da Anunciação traduz o “deslocamento geográfico e cultural” do poeta irlandês radicado nos Estados Unidos, Paul Muldoon, que representa o Brasil em seus poemas sem nunca ter estado por aqui; o escritor alemão W. G. Sebald, conhecido por usar fotografias e episódios biográficos de outros autores em sua obra, reinventa os últimos dias de Tchekhov em dois poemas que aqui ganham a tradução de Douglas Pompeu.

Além de Tchekhov, Kafka também surge como personagem nesta *Cadernos 13*, em conto do italiano Tommaso Landolfi, com tradução de Vera Horn,

que nos apresenta também algumas deliciosas palavras revoltosas contra “um daqueles que usa e abusa” delas – o próprio autor; Edmond B. Thauront traduz um exemplo da prosa marota de Alphonse Allais, “Os templários”, reputado pelo próprio autor como um de seus cinco melhores contos; Francis Aubert e Yuri Fabri nos apresentam, em tradução direta do norueguês, as peripécias de Per Gynt, herói folclórico que inspirou o poema dramático *Peer Gynt*, de Henrik Ibsen; Cibele de Guadalupe traduz “Independence Day”, relato irônico do dia da independência do Zimbábue pela perspectiva de uma prostituta, escrito pela ficcionista zimbabuense Yvonne Vera; Denise Regina de Sales traduz do russo o conto “Mulherzinha”, de Mikhail Zóschenko, procurando manter “a coisa literária simples”, ao gosto do próprio autor, que tinha em mente atingir a grande massa de leitores; Guilherme Braga traduz “Uma xícara de chá” do sueco Hjalmar Söderberg, que faz uma crítica social aguda e espirituosa à Estocolmo dos fins do século 19; Andreza Gomes de Andrade traduz o conto “Os inválidos”, do chileno Baldomero Lillo, um dos primeiros autores a denunciar a realidade miserável dos mineiros de carvão do começo do século 20; Simone Gonçalves encerra a seção de ficção curta de maneira tocante com o poético conto “Suzanna”, último texto da alemã Gertrud Kolmar, assassinada em 1943, em Auschwitz.

Esta *Cadernos 13* também oferece aos leitores dois textos exemplares do gênero literatura de viagem: Adriana Marcolini traduz as impressões (proféticas?) do italiano Alberto Moravia (que esteve no Brasil em 1960), sobre uma Brasília monumental que carecia de casas humildes, que em outros lugares seriam “o testemunho da presença de uma humanidade talvez pouco ambiciosa”; munida de farto material sobre a geografia e a história do Magrebe, Cristiane Grando traduz do francês as evocativas notas de viagem deixadas pela escritora suíça Isabelle Eberhardt, quando esta morou e peregrinou por uma parte do Mundo Árabe nos primeiros anos do século 20.

E é um complexo Mundo Árabe – pelo qual os brasileiros nutrem uma espécie de carinho admirado e perplexo – que emerge com sua face tempestuosa, sensual, doce, lírica, da excelente entrevista concedida pelos professores e tradutores Mamede Jarouche e Michel Sleiman. Suas impressões sobre a cultura e a literatura árabes, seu empenho na arte da tradução literária, sua convivência com os povos árabes, a história pessoal de cada um, o aprendizado da língua... tudo nos é confiado com generosidade. Ficamos maravilhados e ávidos. Imensamente gratos. Mas não menos perplexos.

Os editores